



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

QUE NEM NO TWITTER: O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DA PARTÍCULA *QUE NEM* NAS MÍDIAS SOCIAIS

Caio Aguiar Vieira
(UESB)

Valéria Viana Sousa*
(UESB)

RESUMO

A gramaticalização é definida como o processo de mudança em que um item ou construção lexical passa a ser gramatical ou, então, um item gramatical torna-se mais gramatical ainda, assim, a partícula *que nem* têm se apresentado na Língua Portuguesa (co)ocorrendo com a conjunção *como* e, ao verificar a presença dessa partícula na língua, percebe-se que a mesma está passando por um processo de gramaticalização. No presente artigo, seguindo o arcabouço teórico de Bybee (2010); Dias (2011); Heine & Reh (1984); Lopes (2015); Recuero (2011), temos o objetivo de investigar, por meio de mídias sociais como o Twitter, a função da estrutura *que+nem*. Diante dos dados analisados, foi verificado que, além da utilização como estrutura comparativa, o *que nem* é, ainda, utilizado e mais utilizado com a função de adverbial consecutiva na amostra de *corpus* da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: gramaticalização, *que nem*, mídias sociais.

* Graduando em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, integrante do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. Bolsista FAPESB (caioaguiar78@gmail.com)

** Doutora em Letras (área de concentração em Linguística e Língua Portuguesa) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Professora Titular da Área de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, coordenadora do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. (valeriavianasousa@gmail.com)



Com o propósito de apresentar tal discussão, no artigo, inicialmente, realizamos a exposição, na seção “Aspectos descritivos e normativos do *que* e do *nem*”, de uma sucinta discussão a respeito desses itens em dicionário e em gramática da Língua Portuguesa; Em seguida, trazemos “A visão funcionalista”, seção na qual discorremos sobre aspectos funcionalistas que serviram como aporte teórico para a análise presente na seção “As redes sociais e o Twitter”. Assim, chegaremos em “O uso do *que nem* na sincronia atual presente no Twitter”, na qual apresentamos os resultados da pesquisa, seguida pelas Considerações Finais.

ASPECTOS DESCRITIVOS E NORMATIVOS DO *QUE* E DO *NEM*

Nesta parte avaliamos como necessário para a abertura da discussão sobre a expressão *que nem*, trazemos um breve olhar sobre as partículas *que* e *nem* em um dicionário e em uma gramática da Língua Portuguesa.

No dicionário Houaiss (2009), a partícula *que* é minuciosamente descrita como pronome relativo, possuindo dupla função: 1) como pronome, substitui um antecedente, nome ou pronome, assumindo-lhe as funções próprias, como no caso a função sujeito de “átomo” na frase: “Átomo, que significa indivisível, já não pode ser entendido assim”; 2) como relativo (conjunção subordinativa) confere à oração que inicia a função de adjetivo, por exemplo: “O bangalô que acabaram de construir receberia novos hóspedes”, em que “que acabaram de construir” equivale a “recém-construído”; pronome indefinido: “Que significa esse rabisco?”, conjunção integrante, confere à oração subordinada as funções próprias do substantivo: “É necessário que fique bem claro”, em que “fique bem claro” é sujeito da frase citada; conjunção adverbial, conferindo à oração subordinada diversos valores, como: conjunção causal: “Já que as pernas lhe tremiam, sentou-se”; conjunção final: “Afastaram-se para que outros não os ouvissem”, conjunção concessiva: “Ainda que lhe pagassem, jamais comeria carne de cobra”; conjunção condicional: “Desde que preferia a noite ao dia, ofereceram-lhe um

jantar”; conjunção temporal: “Sempre que liga a televisão, adormece”; conjunção proporcional: “À proporção que as autoridades iam se retirando, os trabalhadores ficavam mais descontraídos”; conjunção comparativa, destacando aqui o fato de o autor dizer que, nesse caso, expressa superioridade e inferioridade além da idéia de igualdade, lançando, nesse caso, o uso de que nem no seguinte exemplo: “É teimoso que nem o pai”; conjunção consecutiva, em construção descontínua que correlaciona duas orações (tal, tanto, tão, tamanho... que): “Era tal o seu entusiasmo que acabou contagiando todos”.

Para Bechara (2010), o *que* funciona como o membro de outra oração, conhecido como “conjunção” integrante. O gramático afirma que esse *que* não tem por missão unir duas orações, mas somente marcar “[...] o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração” (BECHARA, 2010, p.341) o gramático ainda diz que esse *que* é um transpositor.

Já a partícula *nem*, no dicionário Houaiss (2009), é descrita como uma conjunção coordenativa: que serve para ligar palavras e orações negativas; conjunção aditiva: conexão, ligação; conjunção alternativa: alternância; advérbio: exprime negação. Os filólogos ainda deixam claro que, como advérbio, ele pode ser empregado sem o verbo, como nos exemplos: *para cozinhar, nem sal, nem tempero* (BECHARA, 2010, p. 344). Bechara (2010), assim como os autores do dicionário, descreve que a partícula *nem* é utilizada para a relação de adição, e que esta pode ser positiva e negativa; o primeiro é marcado pela conjunção *e*; e o segundo pela partícula *nem*, assim, cita exemplos, como:

- a) O Velho teme o futuro *e* se abriga no passado.
- b) Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não terei cuidados *nem* receio (BECHARA, 2010, p.343)

Realizado esse primeiro olhar, daremos continuidade ao estudo, apresentando um olhar sobre alguns princípios e postulados da teoria que ancorará nossa pesquisa.



A VISÃO FUNCIONALISTA CONCEITO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Bybee (2010) explica que as línguas diferenciam-se uma das outras e estão sempre mudando, entretanto essa alternância se dá de maneira periódica, ou seja, regular. Assim, a linguista enumera cinco processos de domínio geral da língua: analogy (analogia), chunking (encadeamento), rich memory storage (estoque de memória enriquecida), cross-modal association (associação transmodal) e categorization (categorização). Entretanto, para o nosso estudo, trabalharemos, apenas, com duas conceituações, segundo Thompson, Tota e Rodrigues (2012 *apud* Bybee 2010):

[...] o encadeamento (chunking) é a relação sequencial cada vez mais fixa de duas ou mais palavras unidas em uma sentença. Essa relação torna-se cada vez mais forte devido a frequência com que elas são utilizadas dentro da cadeia sintagmática, sendo tal frequência de ocorrência um dos maiores responsáveis pela ativação desse processo. [...] a analogia (analogy) [é] o processo pelo qual um falante usa um novo item em uma construção, cotejando-a a outras estruturas e processos de mudanças já ocorridos. Dada a especificidade das construções e a forma como elas são construídas por meio da experiência com a linguagem, a probabilidade e a aceitabilidade de um novo item é gradual e baseada em seus antigos usos. (p.4)

Segundo Lopes (2015), a Gramaticalização é um processo que um item ou itens gramaticais passa desempenhar outros papéis, este novo item gramatical passa a ser ainda mais gramatical, podendo, até, mudar de categoria sintática, a autora conceitua essa mudança como recategorização, Lopes (2015) ainda complementa que:

Numa perspectiva de caráter mais funcionalista, a trajetória da mudança se daria pela regularização do uso da língua que ocorreria a partir da criação de expressões novas e de rearranjos vocabulares feitos pelo falante para atender seus propósitos comunicativos. Com a repetição de uma construção ou forma, algo que é casuístico se fixa, tornando-se



normal e regular, ou seja, se gramaticaliza. A contínua regularidade ocorre quando as estratégias discursivas empregadas pelo falante numa situação comunicativa perdem a eventualidade criativa do discurso e passam a ser regidas por restrições gramaticais (do discurso para a gramática). É como se os elementos lexicais fossem perdendo suas potencialidades referenciais de representar ações, qualidades e seres do mundo biossocial e fossem ganhando a função de estruturar o léxico na gramática, assumindo, por exemplo, funções anafóricas e expressando noções gramaticais como tempo-modo, aspecto, etc.

É interessante, em nossa pesquisa, pensarmos sobre a repetição de uma expressão, ou em termos funcionalistas, a rotinização de usos que faz com que a expressão se fixe, normalize-se e regularize-se, conforme proposto na citação supramencionada por Lopes (2015).

Heine e Reh (1984), por sua vez, corroboram, também, com nossa discussão, ao afirmar que quanto mais uma unidade linguística passa pela gramaticalização, mais ela se une semântica, morfossintática e foneticamente com outras unidades. Isso pode ser constatado na partícula *que nem*, pois, atualmente, ela já é vista como uma conjunção com significado único. De acordo com Dias (2011, *apud* Neves 1997), o que faz com que o processo de gramaticalização aconteça está tanto nas necessidades comunicativas não completas pelas formas existentes, como na existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações linguísticas adequadas. Dias (2011) ainda ressalta que deve-se observar que novas formas gramaticais podem desenvolver-se a despeito da existência de estruturas velhas funcionalmente equivalentes. À vista disso, verificamos que o *que* e o *nem* pertenciam a uma categoria sintática, e, devido ao encadeamento (chunking), as partículas *que* e *nem* se juntam e formam um par único de forma-significado, havendo, também, o processo de decategorização.

Vejamos, agora, na próxima seção, como essa teoria dialogará com o objeto em estudo.



AS REDES SOCIAIS E O TWITTER

As redes sociais hoje são o meio de comunicação acessível, pois as pessoas em qualquer parte, em qualquer lugar, podem utilizá-la e entrar em contato com diferentes pessoas e com a diversidade de realidades do planeta através da *internet*, em seus computadores, *tablets*, *smartphones* etc. De acordo com jornal O Globo^{*****}, cerca de 85,9 milhões de pessoas utilizavam redes sociais no Brasil em 2013 e, ainda segundo o jornal, o que proporciona esse número estrondoso de usuários foi a fácil utilização de dispositivos como celulares, *tablets* e *smartphones*. Outro motivo que contribui, sem dúvida, para o aumento é a fácil disponibilidade de redes 3G pelo Brasil, o que faz a utilização das redes sociais cada vez mais acessíveis.

Tomaél, Alcará e Di Chiara (2005) afirmam que as pessoas sempre desenvolveram relações durante toda a vida, desde a familiar, passando pela escola, na comunidade na qual vivem, no trabalho etc. Essas relações, segundo as autoras, é o que fortalecem a esfera social, assim sendo, a própria natureza humana nos liga a outras pessoas e, então, estrutura a sociedade em rede. As autoras ainda afirma que:

Nas redes sociais cada indivíduo tem sua função e identidade cultural. Sua relação com outros indivíduos vai formando um todo coeso que representa a rede. De acordo com a temática da organização da rede, é possível a formação de configurações diferenciadas e mutantes. (TOMAÉL; ALCARÁ; DI CHIARA, 2005, p. 93)

Fato que vem sendo ainda mais “facilitado” em função das novas redes sociais que têm aparecido no mercado. Como exemplo de uma dessas formas, trazemos, na presente pesquisa, o Twitter. Conhecido como um site de *microblogging* (microblog), o Twitter é uma das redes sociais mais populares do mundo, contando com cerca de 271 milhões de usuários ativos, de acordo com dados divulgados pelo portal

***** Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/numero-de-internautas-no-brasil-alcanca-percentual-inedito-mas-acesso-ainda-concentrado-13027120>



O USO DO QUE NEM NA SINCRONIA ATUAL PRESENTE NO TWITTER

Nesse trabalho, propusemo-nos a analisar a partícula *que nem* por meio da plataforma Twitter, já que, como dito acima, a rede social, por assemelhar-se o texto oral, e, além disso, por conter poucos caracteres é de mais fácil visualização o processo de gramaticalização. Assim sendo, selecionamos 30 *tweets* de perfis públicos da rede social de forma aleatória e, para isso, utilizamos a ferramenta de busca da rede procurando (entre aspas) a partícula *que nem*.

Os dados coletados foram feitos no mês de abril de 2015 e, a partir desses dados, pudemos constatar que as formas *que* e *nem* atuam como estruturas encadeadas, ou seja, como construção, em três diferentes circunstâncias: i) em estruturas adverbiais consecutivas; ii) em estruturas adverbiais comparativas; iii) em estruturas ambíguas*****.

(1) Vou apelar e fazer um currículo **que nem** do Barney pra vê se consigo arrumar emprego. (H.C)

(2) este perfil no momento encontra-se offline pois vai estudar **que nem** um cão pra passar no vestibular. beijos de luz! (M.A)

No exemplo (1) e (2), temos a partícula *que nem* como comparativo. Segundo Castilho (2010), a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais... que ou do que*), uma inferioridade (*menos... que ou do que*) entre duas realidades ou conceitos e Bechara (2010) contribui dizendo que as comparativas geralmente não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos; nesses casos (1) e (2), percebe-se que o grau comparativo é feito a por meio da conjunção *que nem*. Estudos feitos por Thompson, Tota e

***** No artigo: “trajetória de gramaticalização do que nem” de Thompson; Tota; Rodrigues (2012) foi chamado de estruturas de ambíguas. Utilizamos, aqui, a mesma nomenclatura, já que elas não se assemelham as características de comparação e, tampouco, de consecutiva.

Em estudo realizado por Thompson, Tota e Rodrigues (2012), a exemplo de outras pesquisas, os autores buscaram verificar a ocorrência da estrutura em crônicas, textos, roteiros etc. No presente artigo, com caráter qualitativo, buscamos averiguar qual ocorrência do *que nem* aparece nos *tweets* pesquisados, já que quanto mais frequentemente uma forma é usada, maior a possibilidade de gramaticalização.

Considerando a frequência como um fator determinante em nossos estudos, faz-se necessário verificar as ocorrências de usos da expressão no Twitter, a forma como tal expressão aparece e, a partir disso, classificá-la como estrutura consecutiva, comparativa e/ou ambígua, com vistas a identificar um processo de gramaticalização em constituição.

Para melhor ilustrar o processo de gramaticalização do *que nem*, elaboramos, então, um quadro elucidativo com o objetivo de mostrar, em forma quantitativa as formas de como a estrutura aparece no *microblogging* (microblog)

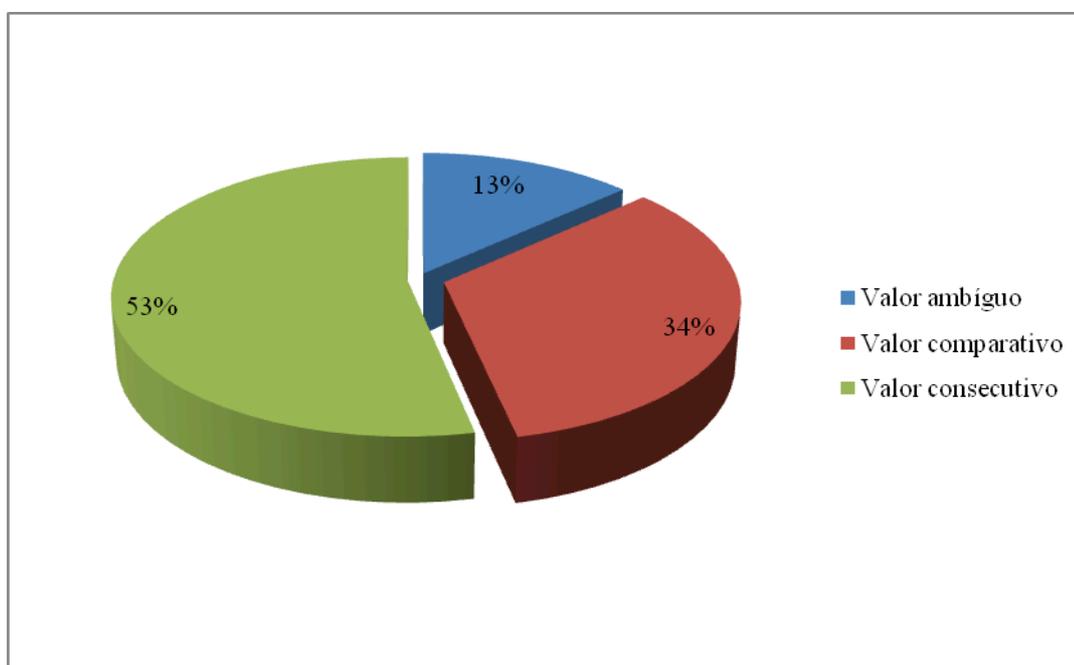


Gráfico 1: percentual da partícula *que nem* no Twitter

No quadro acima é possível verificar que nos 30 *tweets* analisados, 16 (53%) são consecutivos; 10 (34%) são comparativos; e somente 6 (13%) são ambíguos. Estudos

feitos por Thompson, Tota e Rodrigues (2012) em roteiros de filmes contemporâneos sinalizaram que 96% das construções com a expressão *que nem* eram comparativas e que só somente 1,4% eram consecutivas. Isso nos mostra, entre outros elementos, uma possível discrepância de comportamento entre os gêneros roteiro de filmes e o Twitter. O que pode ser melhor visualizado no quadro comparativo abaixo.

	Roteiros de filmes	Twitter
Ambíguo	-	13%
Comparativo	96%	34%
Consecutivo	1,4%	53%

Tabela 1: comparativo entre o estudo feito por Thompson, Tota e Rodrigues (2012) e o presente artigo.

CONCLUSÕES

Por meio dessa pesquisa foi possível verificar que, diferente de estudos realizados, a partícula *que nem* aparece como construções adverbiais consecutivas, ocorrendo, também, como construções adverbiais comparativas e ambíguas. O Twitter, por ser uma rede social aberta e com características do texto oral e escrito, nos mostra que o *que nem* está passando por um processo de gramaticalização com mais incidências de construções consecutivas, do que comparativas, valor que marcava os primeiros usos dessa expressão.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: nova fronteira, 2010. 2 ed.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge, UK: CUP, 2010



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DIAS, J R.. **Que nem**: Um estudo do processo de gramaticalização. 2011. 109 f. Tese (Mestrado em Linguística). Unesp. Araraquara, São Paulo, 2011.
- HEINE, B., REH, M. **Grammaticalization and reanalysis in African Languages**. Hamburg: Helmut Buske, 1984.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. V. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia de Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 ed
- LOPES, C. **Gramaticalização**: definição, princípios e análise de casos. Disponível em: https://www.ufmg.br/online/arquivos/anexos/Gramaticalizacao_ufrj.pdf. Acesso em: 03 de abril de 2015.
- RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RECUERO, R. ZAGO, G. da S. "RT, por favor": considerações sobre a difusão de informações no Twitter. In: **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**. v. 12, n. 2, p. 69-81 Maio/Agosto. 2010.
- THOMPSON, H. V. G; TOTA, F. O; RODRIGUES, V. V. **A trajetória de gramaticalização do que nem**. Disponível em: <http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/121-Artigo%20Gelne%202012%20-%20Versao%20Final%20PDF.pdf>. Acessado em 03 de maio de 2015.
- TOMOÉL, M. I.; ALCARÁ, A. R.; DI CHIARA, I. G. Das Redes Sociais à Inovação. IN: **Revista Scielo**. Ci. Inf., Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago, 2005.